

Partos de adolescentes caem pela metade em uma década no Brasil

# Parto na adolescência cai pela metade em 10 anos

No primeiro semestre de 2024, Brasil teve 141 mil partos do grupo; no mesmo período em 2014 foram 286 mil

**SAÚDE PÚBLICA**  
**DIAS MELHORES**

Demétrio Vecchioli

**BRASÍLIA** O Brasil reduziu pela metade o número de partos de mulheres adolescentes na última década, após anos de estagnação. Com isso, o país pode fechar 2024 abaixo ou muito próximo da média mundial de fecundidade adolescente pela primeira vez.

Dados preliminares do Sinac (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos) apontam que, no primeiro semestre deste ano, foram feitos 141 mil partos de mães entre 10 e 19 anos. Em 2014, no mesmo período, foram 286 mil.

Esses números seguem tendência que começou em 2015, primeiro de nove anos consecutivos de redução constante da taxa de fertilidade entre adolescentes.

"As adolescentes estão mais espertas, têm mais acesso aos serviços de saúde e maior escolaridade que as adolescentes anteriores. Quando elas estudam, conseguem enxergar outra perspectiva de vida, buscam crescer profissionalmente, sem que a vida seja ser mãe", afirma a ginecologista Denise Leite Maia Monteiro, professora de obstetria da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e diretora da Associação Brasileira de Obstetria e Ginecologia da Infância e Adolescência.

Denise diz identificar uma crescente conscientização familiar. "A mãe da adolescente mudou e hoje leva filha com 10 ou 12 anos de idade para começar a orientação para que, quando iniciar a vida sexual, não engravide", afirma a médica, que mantém um projeto de atendimento de adolescentes na Cidade de Deus, no Rio.

A tendência de diminuição de fertilidade no país não é fato novo, mas no decênio anterior, entre 2004 e 2014, o ritmo de redução de partos entre adolescentes foi mais lento do que dos demais grupos etários. Desde então, a curva se deslocou. Se em 2014 os partos de jovens representavam 18,9% do total, em 2023 esse índice caiu para 11,9%.

"Uma pesquisa nos anos 1990, que teve influência muito gran-

de, trazia a percepção de que os adolescentes conheciam os métodos contraceptivos, mas entre conhecer e usar havia a ponte da segurança", aponta a coordenadora do programa do Adolescente da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, Albertina Duarte. "As adolescentes tinham medo de não agradecer, e os meninos, de falhar. Teve uma mudança de eixo, com mais discussão sobre autoestima, mais diálogo".

De acordo com a médica, isso veio combinado com maior oferta gratuita de métodos anticoncepcionais e mudança de abordagem. "Em vez de ser juiz, os profissionais de saúde e professores passaram a ter escuta maior".

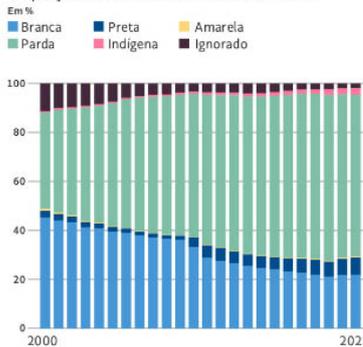
Florbelia Fernandes, representante do UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas) no Brasil, lista fatores múltiplos para a redução. "Avanços nos níveis educacionais, ampliação no acesso a informações e a serviços de saúde e a métodos de contracepção apropriados, projetos de vida que dialogam com a maior participação feminina no mundo do trabalho, mudanças legislativas mais restritivas para os casamentos infantis e as diversas violências de gênero, entre outros."

A OMS (Organização Mundial da Saúde) considera que a adolescência dura toda a segunda

Número de partos por idade da mãe



Cor/raça das mães de 10 a 19 anos de idade



Fonte: Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos, Ministério da Saúde

década de uma vida. As estatísticas populacionais, porém, dividem esse grupo em dois. Um, de 10 a 14 anos. Outro, de 14 a 19.

Para a maior parte do primeiro grupo, a gravidez é derivada de estupro, já que no Brasil é crime "ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 anos". Em 2023, 13.934 meninas tiveram filhos no país antes de completarem 15 anos. O número é expressivo, mas 50% menor do que os 28 mil partos de 2014 na mesma faixa etária.

Enquanto a taxa de fecundidade no Brasil caiu de 3,46 para 1,9 entre 2014 e 2023, a taxa mundial é de 1,05.

"A cada meia hora uma menina de 10 a 14 anos é mãe. É uma taxa muito alta. A ligação com setores da educação é fundamental, porque sabemos que adolescente que tem um grupo cultural, esportivo, escolar, religioso, vai ter habilidades para reduzir a chance de gravidez", diz Albertina.

No caso das adolescentes mais velhas, de 15 a 19 anos, a queda no número de partos se acentuou a partir de 2019 e não foi revertida nem no auge da pandemia.

"Na pandemia, a OMS fez a estimativa de que a gravidez na adolescência iria aumentar, porque as meninas iam ficar sem contraceptivos. Em alguns países da África, aumentou, mas no Brasil, reduziu, porque o SUS não parou e elas tiveram acesso à contracepção. Muitas meninas não saíram de casa e não engravidaram por isso, também", diz Denise.

A ginecologista tem a percepção de que a pandemia segue influenciando a redução dos casos de gravidez na adolescência no Brasil. Ela conta que tem sido comum em seu consultório mães que reclamam que as filhas não saem de casa e só têm vida online.

As redes sociais passam a impressão de um aumento da sexualização, mas também inibem o ato sexual. "Eu nunca atendi tanta menina de 17, 18 anos, virgem. Elas se acostumaram com a vida online e não precisam sair de casa para se relacionar".

O projeto Saúde Pública tem apoio da Umame, associação civil que tem como objetivo auxiliar iniciativas voltadas à promoção da saúde.



Sala de parto em hospital de Melgaço (PA), na Ilha do Marajó Lalo de Almeida - 6.abr.2024/Folhapress

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Saúde Caderno: A Pagina: 25